

**PROLEGÔMENOS DE UM ENSINO PAN-AFRICANISTA WILSONIANO  
SOBRE AS CIÊNCIAS DA NATUREZA  
PROLEGÓMENOS DE UNA ENSEÑANZA PAN-AFRICANISTA WILSONIANA  
DE LAS CIENCIAS NATURALES**

**Ana Carolina Ferreira Barbara<sup>1</sup>**

Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências da USP  
[ana.carolina.ferreira.bio52@gmail.com](mailto:ana.carolina.ferreira.bio52@gmail.com)

**Marcelo Tadeu Motokane**

Universidade de São Paulo (USP)  
[mtmotokane@ffclrp.usp.br](mailto:mtmotokane@ffclrp.usp.br)

**RESUMO**

Há uma tendência recente que concebe o Ensino de Ciências como motor de transformação social e, aqui, buscamos utilizar a abordagem que o intelectual negro pan-africanista Amos Wilson traz sobre as relações entre História, poder e consciência, para endereçar reflexões sobre ela. Utilizando os conceitos wilsonianos de “amnésia social” e “amnésia histórica”, trabalhamos a ideia de que, para promover transformação social, é necessário, antes, que as memórias sobre as violências perpetradas pelas Ciências Naturais contra as pessoas negras deixem de ser coletivamente evitadas e sejam colocadas num molde temporal próprio do povo negro, diferente daquele utilizado pelos colonizadores.

**Palavras-chave:** marcus garvey; decolonialidade; educação para as relações étnico-raciais; cultura negra; história da ciência

**Eixo temático:** 7. Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia

**Modalidade:** Pesquisa acadêmica

**RESUMEN**

Existe una tendencia reciente que concibe la Enseñanza de las Ciencias como un motor de transformación social y, aquí, buscamos utilizar el enfoque que el intelectual negro panafricanista Amos Wilson aporta a las relaciones entre la Historia, el poder y la conciencia, para abordar reflexiones sobre ella. A partir de los conceptos wilsonianos de "amnesia social" y "amnesia histórica", se trabaja sobre la idea de que, para promover la transformación social, es necesario, en primer lugar, que las memorias de la violencia perpetrada por las Ciencias Naturales contra los negros dejen de ser evitadas colectivamente y se coloquen en un molde temporal propio del pueblo negro, diferente al utilizado por los colonizadores.

**Palabras clave:** marcus garvey; decolonialidad; educación para las relaciones étnico-raciales; cultura negra; Historia de la Ciencia

**Eje temático:** 7. Inclusión e interseccionalidades en la enseñanza de las Ciencias y la Biología

**Modalidad:** Investigación académica

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo (PIEC/USP) e membro dos coletivos “Biologia entre Nós” e “Mawakana - Experiências Educativas Afrocêntricas”

## INTRODUÇÃO

É óbvio, porém não dispensável, lembrar que os campos de pesquisa relacionados à Educação são irremediavelmente frutos de seu tempo. Sendo assim, o Ensino de Ciências mudou na medida em que eventos geopolíticos, revoluções e giros teóricos ocorreram ao longo de sua existência.

Devido ao desenvolvimento de teorias críticas na Sociologia contemporânea e em áreas afins de conhecimento, assim como devido a um conjunto multifatorial de outras influências recentes, as desigualdades sociais produzidas ao longo da história moderna do Ocidente, especialmente as de gênero e de raça, têm ocupado um espaço cada vez mais robusto nas pesquisas acadêmicas e no debate público. Mais especificamente, as discussões sobre as identidades, valores e as características socioculturais dos estudantes - que englobam seus gêneros, pertencimentos étnico-raciais e outros marcadores - têm sido objeto da pesquisa em Ensino de Ciências há cerca de vinte anos, com um crescimento especialmente notável de 2010 pra cá (ODDEN; MARIN; RUDOLPH, 2021).

A análise de Gomes (2012) sobre o processo de descolonização dos currículos brasileiros parece nos permitir compreender essa tendência sob uma lente mais profunda, subjetiva e interessante, considerando que este recorte temporal - de 2010 pra cá - coincide com a chegada das primeiras gerações de estudantes cotistas aos ambientes universitários. Ela diz:

Quanto mais se amplia o direito à educação, quanto mais se universaliza a educação básica e **se democratiza o acesso ao ensino superior**, mais entram para o espaço escolar sujeitos antes invisibilizados ou desconsiderados como sujeitos de conhecimento. **Eles chegam com os seus conhecimentos, demandas políticas, valores, corporeidade, condições de vida, sofrimentos e vitórias.** Questionam nossos currículos colonizados e colonizadores e **exigem propostas emancipatórias. Quais são as respostas epistemológicas do campo da educação a esse movimento?** (GOMES, 2012, p. 99, grifo nosso)

Responder a essa pergunta apontando caminhos possíveis tem sido o objetivo de muitos pesquisadores que se dedicam à Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) através do Ensino de Ciências. Alguns deles, inclusive, são marcados pelas diferenças de gênero e/ou de pertencimento étnico-racial e buscam esse objetivo desejosos por uma produção de conhecimento que lhes soe própria. Esses pesquisadores têm dado cabo a sua tarefa utilizando uma variedade de chaves teóricas que lhes permitem analisar a realidade sob diferentes perspectivas e dentre elas, o complexo teórico da colonialidade/decolonialidade parece ser a chave que mais vem ganhando espaço e voz no universo acadêmico.

Afiliação a essa abordagem, alguns autores têm analisado como o Ensino de Ciências reitera ou fragiliza a narrativa do poder colonial. Por exemplo, Paiva e colaboradores (2016) se

alinham à proposta de Hodson (2013) e afirmam ser necessário politizar e radicalizar o ensino de Ciências para que os estudantes possam assumir uma postura diante de violências raciais e sexuais e para que possam produzir ações sociopolíticas. Em seu trabalho, por sua vez, Valladares (2021) identifica que é preciso haver um entendimento crescente de que, no século XXI, a alfabetização científica deve se direcionar para um ativismo de transformação social, isto é, para uma ruptura das estruturas de opressão e diferenças de poder. Mais especificamente, a autora afirma que neste momento da História, é preciso que a alfabetização científica seja um motor para transformar a realidade de grupos de pessoas que vivem em contextos vulneráveis e invisibilizados (VALLADARES, 2021).

As análises e propostas da pesquisa em Ensino de Ciências que vem arrebanhando-se sob o guarda-chuva da colonialidade/decolonialidade parecem dialogar, em alguma medida, com a perspectiva educacional emancipatória de Amos Wilson, um intelectual negro, pan-africanista garveyista, estadunidense e ativo entre as décadas de 60 e 90. O foco do seu trabalho pode ser definido como uma “[...] análise psicológica, histórica e social que buscou não apenas interpretar e entender as realidades Africana[s] sob a opressão ocidental, mas finalmente mudá-las.” (AMOS..., 2013, p. 1, tradução nossa). Além disso, os seus comentadores também atribuem a ele um “[...] discurso intelectual socialmente e politicamente focado que engaja e encoraja a ação política direta culturalmente baseada.” (JACKSON-LOWMAN; JAMISON, 2013, p. 5; tradução nossa).

Assim, enxergando intersecções entre o discurso wilsoniano e o que tem sido produzido por alguns pesquisadores das novas tendências do Ensino de Ciências preocupados com as relações de poder coloniais, a pequena porção da pesquisa de mestrado que será aqui relatada buscou promover uma investigação de quais contribuições do intelectual podem ser utilizado no campo de pesquisa em questão. Aqui, parte-se da hipótese de que a obra de Amos Wilson oferece uma perspectiva racial, cultural e historicamente situada para que possamos aproximar o Ensino de Ciências da transformação social contra o poder colonial e, mais especificamente, contra a supremacia branca.

## **UM BREVE RESUMO DA VIDA DE AMOS WILSON, UM PAN-AFRICANISTA GARVEYISTA**

**Figura 1:** Fotografia de Amos Nelson Wilson.



Fonte: Afrikan World InfoSystems<sup>2</sup>

Amos Nelson Wilson (Fig. 1) nasceu na cidade de Hattiesburg (Mississippi, EUA) em 1941 e faleceu em 14 de janeiro de 1995, no grande bairro do Brooklyn, na cidade de New York (New York, EUA) (JACKSON-LOWMAN; JAMISON, 2013; JAMISON; 2013; KAMBON, 2013; THORPE; LEWIS, 2019). Tendo realizado a sua trajetória de educação superior em faculdades e universidades historicamente negras - conhecidas em inglês como HBCU's - Wilson iniciou os seus estudos universitários no Morehouse College em Atlanta (Georgia, EUA), fez seu mestrado na New School for Social Research e o doutorado na Fordham University (JACKSON-LOWMAN; JAMISON, 2013; THORPE; LEWIS, 2019), ambas na cidade de New York (New York, EUA).

Além de ter trabalhado como docente na City University of New York e no College of New Rochelle, nos períodos de 1981 a 1986 e de 1987 a 1995, respectivamente (JACKSON-LOWMAN; JAMISON, 2013), Amos Wilson também desenvolveu suas atividades laborais em ambientes não acadêmicos como assistente social, psicólogo, supervisor de liberdade condicional e administrador de treinamento do Department of Juvenile Justice da cidade de New York (JACKSON-LOWMAN; JAMISON, 2013).

Amos Wilson foi um prolífico intelectual negro estadunidense do século XX que muito contribuiu para as reflexões sobre a experiência negra nos campos da Educação e da Psicologia mas que, contudo, não recebeu o devido reconhecimento e atenção por parte dos

<sup>2</sup> Disponível em: <https://afrikanworldinfosystems.co/pages/about>. Acesso em: 07 de ago. 2024

demais pesquisadores desses campos. Ao resgatar suas contribuições num livro denominado “Legados Desconhecidos de Educadores e Eventos na Educação Afro-americana”, Thorpe e Lewis (2019) relatam que, apesar da vasta obra deixada pelo intelectual, as suas pesquisas realizadas na internet e nas bases de dados bibliográficos retornaram poucos resultados.

Para aqueles que conheceram a sua obra, porém, Amos Wilson foi condecorado com o mais alto grau de admiração. Em alguns dos registros da 2ª Conferência Nacional de Psicologia Preta, realizada em sua homenagem, o autor é repetidamente descrito como um “intelectual/ativista”, um guerreiro afrikano (AMOS..., 2013; JACKSON-LOWMAN; JAMISON, 2013; JAMISON, 2013; KAMBON, 2013).

Amos Wilson definia a si mesmo como um admirador de Marcus Garvey. Mais que isso, afirmava que a sua intenção era a de “[...] colocar em ação concreta a ideologia e a filosofia de grandiosos líderes como Marcus Garvey [...]” (WILSON, 2022b, p. 140).

Garvey é uma das figuras cujo nome é inevitável quando se fala sobre Pan-Africanismo. Tendo tido contato com a imprensa desde cedo através do trabalho que exercia na gráfica de seu avô, conhecido as faces do racismo na vida dos seus pares negros na Inglaterra e em diferentes países da América Central para os quais viajou (DOMINGUES, 2017) e tendo conhecido as ideias de uma multiplicidade de intelectuais e militantes que formaram uma rede pan-africana pelo mundo após a 1ª Conferência Pan-Africana em Londres, em 1900, Marcus Mosiah Garvey se levantou como figura expoente da militância e criou aquilo que foi considerado como “o mais poderoso movimento de massas dos Estados Unidos” (JAMES, 1985<sup>3</sup>, p. 52 apud DOMINGUES, 2017, p.132) e a maior organização pan-africana da história: a Associação Universal para o Progresso Negro (UNIA, em inglês) (ADI, 2022). Garvey nasceu na Jamaica em 1887 e em 1914 criou a UNIA no seu país de origem. Não tendo muita sorte ali, se mudou para Nova York e refundou a organização em 1916, chegando a atingir mais de 2 milhões de membros em seus tempos de ouro (ADI, 2022).

O discurso de Garvey ecoava várias ideias dos pan-africanistas que o antecederam, como a ideia de uma história comum, um destino comum e um propósito comum compartilhados entre as pessoas de descendência africana, a ideia de uma “África para os africanos”, a exaltação do Egito como grande civilização negra e a busca por um sentimento de orgulho racial (ADI, 2022). Contudo, um dos principais diferenciais que o destacaram dos demais pan-africanistas - como W.E.B. DuBois - foi o fato de ter mobilizado não apenas intelectuais, mas o povo. Massas de pessoas negras da classe trabalhadora pela África e pela

---

<sup>3</sup> James, Cyril Lionel Robert. **A History of Negro Revolt**. 3ed. Londres: Race Today, 1985, p. 52..

Diáspora seguiam os ensinamentos de Garvey e liam seu jornal “Negro World” ou, no caso de analfabetos, ouviam alguém lê-lo (ADI, 2022).

Além disso, Garvey tinha uma visão forte sobre a soberania dos africanos que atraía as massas negras marcadas pelos resultados terríveis da 1ª Grande Guerra. Ele afirmava a necessidade de “um governo, uma nação própria, forte o suficiente para dar proteção aos membros da nossa raça espalhados por todo o mundo, e para obrigar o respeito das nações e raças da terra.” (GARVEY, 2006<sup>4</sup> apud ADI, 2022, p. 81).

## A OBRA DE AMOS WILSON

Hoje podemos encontrar o pensamento de Amos Wilson sumarizado em 9 livros, alguns dos quais publicados e/ou editados de forma póstuma a partir da reunião e da transcrição de suas palestras. Destes, 4 foram traduzidos pela editora brasileira independente Poder Afrikan durante a pandemia, de 2020 a 2022, e comercializados para o público. São eles: “A Psicologia do Desenvolvimento da Criança Preta” (2022), “Despertando o Gênio Natural da Criança Preta” (2022), “A Falsificação da Consciência Afrikana: História Eurocêntrica, Psiquiatria e a Política da Supremacia Branca” (2022) e “Consciência Afrikano-Centrada Versus A Nova Ordem Mundial: Garveyismo na Era do Globalismo” (2022).

Além das obras originais, pudemos descobrir também algum material bibliográfico escrito por intelectuais comentadores (Quadro 1) que se dedicaram à leitura e à reflexão sobre as suas ideias.

**Quadro 1:** Detalhes do levantamento bibliográfico de produções de comentadores de Amos Wilson

Ano de publicação	Título	Autor(es)	Tipo de publicação	Meio de publicação (revista, editora etc)
1980	Book Review - The Developmental Psychology of the Black Child by Amos N. Wilson. New York: United Brothers Communications Systems, Inc., 1978.	Vonnie C. McLoyd	Resenha	The Journal of Black Psychology
1993	BOOK REVIEW - <i>Understanding Black Adolescent Male Violence</i> . Amos N. Wilson. Bronx, NY: Afrikan Infosystems, 1991. \$5,95	Dashiel J. Geyen	Resenha	Journal of Black Psychology

<sup>4</sup> GARVEY, Marcus. The True Solution of the Negro Problem. In: GARVEY, Marcus. **The Philosophy and Opinions of Marcus Garvey**. London: Routledge, 2006, p. 39.

2010	Fanon Revisited: Exploring the Relationship Between African-Centered Psychology and Fanonian Psychology	DeReef F. Jamison	Artigo	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2013	Amos Wilson Conference Description	-	-	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2013	African-Centered Consciousness and Black Power in the Age of Obama	-	-	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2013	Honoring the Scholarship of Amos Wilson	Huberta Jackson-Lowman; DeReef F. Jamison	-	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2013	Toward a Liberation Psychology	DeReef F. Jamison	Artigo	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2013	African Cultural Consciousness and African-Centered Historiography as Preconditions for Wilson's New World Order	Reginald Hopkins	Artigo	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2013	A Blueprint for Black Power Analysis of the Bufoonery of Black Conservatives	T. Owens Moore	Artigo	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2013	Caveat of an Obnoxious Slave: Blueprint for Decolonizing Black Power Studies from the Intellectual Governors of White Supremacy	Quito Swan	Artigo	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2013	The Lens of Blackness: An Anthro-Political Perspective	Tomiko Shine	Artigo	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2013	Awakening the Natural Genius in Black Children Workshop	Kamn Howard	Artigo	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2013	Reflections on Pedagogical Approaches to Utilizing Amos Wilson's The Falsification of African Consciousness in Community Psychology Classes	Danna Dennard	Artigo	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2013	Amos N. Wilson: A 21st Century Africentric Psychological Warrior (1941-95); Some Personal Reflections and Professional Observations	Kobi Kambon	Artigo	The Journal of Pan African Studies (JPAS)
2019	Amos Wilson	Kiara Thorpe; Andrea D. Lewis	Capítulo de livro "Unsung Legacies of Educators"	Editores Palgrave Macmillan

			and Events in African American Education”	
2020	Book Review - Wilson, A. N. (2020). The Psychology of Self-Hatred and Self-Defeat: Towards a Reclamation of the Afrikan Mind. Afrikan World Infosystems. 305 pp. \$28.00 (paperback).	DeReef F. Jamison	Resenha	Journal of Black Psychology
2022	Da PNL à epigenética	Abibiman Shaka Touré	Livro	Editora Poder Afrikano

Fonte: elaborada pelos autores (2024)

Dentre as poucas referências encontradas e lidas de comentadores, temos resenhas de três dos seus livros, um artigo que estabelece um paralelo entre Amos Wilson e Frantz Fanon e três obras mais robustas que se dedicaram totalmente ao seu trabalho: um número completo do Journal of Pan African Studies (JPAS), um capítulo de livro organizado por professoras negras do Spellman College e um livro completo redigido pelo CEO da editora independente da obra de Amos Wilson no Brasil.

A abordagem mais ampla do pensamento wilsoniano é, sem dúvidas, encontrada no conjunto de 11 textos publicados no Journal of Pan African Studies (JPAS), em 2013, e que se referem às principais discussões realizadas na 2ª Conferência Nacional de Psicologia Preta/Africana, a qual foi dedicada ao trabalho de Amos Wilson e ocorreu na Universidade A&M, na cidade de Tallahassee (Flórida, EUA) nos dias 14 e 15 de outubro de 2011 (JACKSON-LOWMAN; JAMISON, 2013).

### **“AMNÉSIA HISTÓRICA”, “AMNÉSIA SOCIAL” E O ENSINO SOBRE AS CIÊNCIAS DA NATUREZA**

Durante muito tempo, as Ciências da Natureza possuíram um alto status de poder na sociedade moderna. Foram lidas como neutras, autônomas e superiores, pois acreditava-se que produziam suas premissas de forma assepticamente analítica e descolada dos valores sociais (OLIVEIRA, 2008). Sendo assim, quando pressupostos morfológicos e fisiológicos foram usados no século XIX para justificar a inferioridade intelectual do negro, as Ciências Naturais que os produziram - assim como os cientistas - não puderam ser facilmente questionados, já que suas informações eram como inocentes retratos da realidade, verdades biológicas inquestionáveis (BIZZO, 1995; OLIVEIRA, 2008; JAMISON, 2013). Esse

tratamento dado às Ciências da Natureza permitiu que os eugenistas brasileiros do século XX continuassem a defender a existência de uma degeneração biológica e social da raça negra e se munissem de justificativas científicas para também defender a esterilização dos homens negros como forma de prevenir que “contaminassem” a sociedade (BIZZO, 1995). Assim, as Ciências Naturais serviram como ferramenta para a manutenção das relações de poder e para a subjugação necrótica dos negros, para a produção prática de sua morte.

Pautando justamente memórias dolorosas como essas, Wilson (2022a) fala sobre a amnésia social e/ou histórica<sup>56</sup> que acomete os negros de forma que o seu passado insistentemente ignorado é o que governa o seu destino. Devido aos sentimentos negativos de raiva, medo ou vergonha que determinados episódios e períodos da história africana provocam, seus descendentes tendem a escapar dela e/ou a ignorá-la. O autor estabelece claramente uma conexão entre as informações e conhecimentos que se tem (ou não) sobre a História e a condição psicológica degradante de existência em que o negro vive na contemporaneidade e possivelmente viverá no futuro caso as relações de poder e opressão não sejam enfrentadas. Aquele que sofre de amnésia social e/ou histórica é aquele que não se dedica<sup>7</sup> a conhecer e compreender profundamente a história de seus ancestrais ou, quando a estuda, se baseia numa estrutura temporal que considera os colonizadores e o seu “continente” como pontos de referência para dividir a cronologia e nomear eventos marcantes, como fazemos com a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais, por exemplo (WILSON, 2022a).

Aquele que sofre desse mal, tem sua consciência falsificada e vive numa condição de negação de si mesmo e de sua personalidade. Mais que isso, além de esquecer de sua própria história, a amnésia social e/ou histórica também se relaciona ao fato de “[...]esquece[r]mos ou interpreta[r]mos mal a história e os motivos dos outros, bem como os nossos próprios. A maneira de conhecer outros povos é conhecer a nós mesmos.” (WILSON, 2022a, p. 73).

No contexto dos conhecimentos científicos e biológicos, essa amnésia social e/ou histórica da qual fala Amos Wilson, pode se referir às violências imputadas pelas Ciências da Natureza aos negros, como as teorias darwinistas e mendelianas utilizadas pelos já citados

---

<sup>5</sup> O autor recupera o conceito de “amnésia social” do livro homônimo de Russell Jacoby, publicado originalmente em 1975.

<sup>6</sup> O autor utiliza as expressões “amnésia social” e “amnésia histórica” de forma intercambiável neste livro

<sup>7</sup> Embora a passagem possa dar a ideia de que Amos Wilson defendia uma abordagem puramente meritocrática, atribuindo ao indivíduo a total responsabilidade de sua educação, essa é uma impressão falsa. É característico do autor endereçar a responsabilidade individual dos negros sobre seu destino, na mesma medida em que produz críticas ferrenhas ao sistema educacional formal e a sua influência na produção da desgraça na vida do negro.

pensadores eugênicos nos séculos XVIII, XIX e XX, as experimentações médicas anti-éticas realizadas nesses períodos, a distribuição racialmente desigual dos problemas ambientais e do acesso a recursos naturais e tecnológicos, assim como também pode se referir às contribuições africanas para o desenvolvimento intelectual e tecnológico que tanto contribuíram para a zoologia, a astronomia e a medicina gregas (VERRANGIA; SILVA, 2010; QUEIROZ, 2013) e às iniciativas de intelectuais negros pan-africanistas - como a de James Africanus Horton e a do próprio Amos Wilson - em desconstruir os argumentos eugenistas (ADI, 2022).

De acordo com Wilson (2022a) a educação deve servir para o reganho de poder dos negros, para que possam controlar seus próprios destinos. Se a invisibilização da história dos empreendimentos científicos e/ou a sua contextualização temporal feita com base nos colonizadores se relaciona à percepção estereotipada e desempoderada que os negros têm de si próprios, um Ensino de Ciências wilsonianiano deve, então, caminhar na direção oposta. Se brancos<sup>8</sup> e negros ocupam diferentes posições nessa relação de poder, se têm uma “[...] história diferente, uma experiência diferente, objetivos diferentes e maneiras diferentes [...]” (WILSON, 2022a, p. 67), a forma como ensinamos estudantes negros não pode ser uma duplicata do modelo de ensino dos colonizadores (WILSON, 2022a). Dessa forma, um Ensino de Ciências que se aproxima dos pressupostos wilsonianos parece precisar tratar a História da Ciência como uma linha condutora<sup>9</sup> que protagoniza o seu fazer pedagógico e precisa enxergar as histórias do desenvolvimento de conceitos, teorias e paradigmas científicos como não sendo neutras, mas sim imagens específicas de poder projetadas. E sendo assim, deve buscar reestruturar essa imagem a partir de abordagens responsáveis<sup>10</sup> que joguem luz sobre as memórias que tem sido coletivamente evitadas e que coloque-as num molde cronológico próprio do povo negro, diferente daquele que é utilizado pelos colonizadores. Um molde que considere mais extensivamente a história africana anterior à colonização, que retrate a escravização e o tráfico humano a partir da perspectiva dos que foram violentados e que tome os eventos políticos dos seus territórios - em África ou na Diáspora - como referência para a delimitação do que será abordado no currículo e de como o será.

<sup>8</sup> Aqui utilizamos “brancos” como sinônimo de “colonizadores”

<sup>9</sup> O “fio da meada”, como preferiria descrever

<sup>10</sup> Por tratar-se de eventos que, muitas vezes, carregam uma carga emocional significativa, é necessário investigar abordagens que sejam adequadas à tarefa. Dentro de uma perspectiva da Psicologia Preta, o texto de Howard (2013), citado no Quadro 1, nos oferece reflexões essenciais sobre esse problema.

Um Ensino de Ciências wilsoniano também parece ir em direção a um aprendizado da história dos conceitos, teorias e paradigmas científicos que, necessariamente, sirva a autoreflexão dos negros e ao conhecimento de si mesmos e dos outros povos para, só então, servir a ação sociopolítica em direção a mudança das relações de poder, mais especificamente à aniquilação da supremacia branca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “ideia” de iluminar as contradições e tragédias do fazer científico ao longo do tempo não é nova. As intersecções entre História da Ciência e Ensino de Ciências têm permitido essas reflexões há algum tempo. Ocorre, porém, que Amos Wilson parece oferecer um novo quadro cultural para pensar em como promover tal “ideia”. Um quadro que recusa a universalidade implícita nas definições frequentemente feitas dos objetivos desta área de Ensino e define com mais precisão o que é socialmente desejável para estudantes negros e descreve com mais acurácia quais são os compromissos sociológicos e ético-políticos que estão por trás do que defendemos e desejamos promover em nosso ofício educativo (VALLADARES, 2021). É um quadro que dá concretude ao tipo de engajamento cultural e comunitário que deve ser promovido pelo Ensino de Ciências que busca ser transformador, para além do engajamento com a Ciência (VALLADARES, 2021).

Falamos sobre um novo quadro cultural, porque Wilson não pensa num estudante colonizado universal, mas num estudante especificamente negro, filho das massas trabalhadoras negras, que pertence a uma comunidade negra e que possui uma história compartilhada com as demais pessoas negras do continente africano e/ou da Diáspora, como o pensamento pan-africanista garveyista ao qual se filia afirma. Mais que isso, Wilson fala de um estudante negro que é marcadamente diferente dos seus pares brancos, um estudante negro não é simplesmente um estudante branco pintado de preto (WILSON, 2022c).

Embora pareça haver algum consenso na pesquisa em Ensino de Ciências sobre a importância da abordagem da História da Ciência nas aulas para Educação Básica e para formação de professores, a sequência cronológica de fatos que compõem essa História e a forma como são organizados num molde temporal são tensionados pelas ideias de Wilson, analisados a partir da relação parcial que mantém com as estruturas de poder e, então, se transformam num objeto de disputa.

Wilson estabelece relação entre História, poder e consciência e, por isso, falamos que oferece um novo quadro teórico. A abordagem do autor própria da Psicologia Social e da

Psicologia Preta, relaciona a discussão, que não é inédita, a uma dimensão que parece ter sido pouco explorada até o momento: a subjetividade do negro.

Sendo assim, a leitura de Amos Wilson tem se mostrado promissora no aprofundamento das pesquisas em Ensino de Ciências, uma vez que tem dado conta das demandas contemporâneas do campo em relação à investigação das identidades e das características socioculturais dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

- ADI, Hakim. **Pan-Africanismo: Uma história**. Tradução: Mario Soares Neto. Salvador: EDUFBA, 2022.
- Amos Wilson Conference Description. **The Journal of Pan African Studies**, v.6, n.2, Jul./2013.
- BIZZO, N. M. V. Eugenia: quando a biologia faz falta ao cidadão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 92, p. 38-52, fev. 1995.
- DOMINGUES, Petrônio. O “MOISÉS DOS PRETOS”: Marcus Garvey no Brasil. **Novos Estudos Cebrap**, v. 36, n.03, p. 129-150, nov. 2017.
- GOMES, Nilma Lino. RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, EDUCAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 98-109, Jan./Abr. 2012.
- HODSON, D. Don't be nervous, don't be flustered, don't be scared. Be prepared. **Canadian Journal of Science, Mathematics and Technology Education**, v.13, n.4, p. 313-331, 2013.
- JACKSON-LOWMAN, Huberta; JAMISON, DeReef F. Honoring the Scholarship of Amos Wilson. **The Journal of Pan African Studies**, v.6, n.2, Jul./2013.
- JAMISON, DeReef F. Amos Wilson: Toward a Liberation Psychology. **The Journal of Pan African Studies**, v.6, n.2, Jul./2013.
- KAMBON, Kobi. Amos N. Wilson: A 21st Century Africentric Psychological Warrior (1941-95); Some Personal Reflections and Professional Observations. **The Journal of Pan African Studies**, v.6, n.2, Jul./2013.
- ODDEN, Tor Ole B.; MARIN, Alessandro; RUDOLPH, John L. How has Science Education changed over the last 100 years? An analysis using natural language processing. **Science Education**, n. 105, p. 653-680, 2021.
- OLIVEIRA, M. B. de. Neutralidade da ciência, desencantamento do mundo e controle da natureza. **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 97-116, 2008.
- PAIVA, A. de S. et al. Baartman, Lacks e o corpo da mulher negra como paradigma de alteridade na história da biologia. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 15., 2016, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- QUEIROZ, Ivo Pereira de. **FANON, O RECONHECIMENTO DO NEGRO E O NOVO HUMANISMO: HORIZONTES DESCOLONIAIS DA TECNOLOGIA**. Tese (Doutorado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- THORPE, Kiara; LEWIS, Andrea D.. Amos Wilson (1940-1995). In: LEWIS, Andrea D.; TAYLOR, Nicole A. (ed.). **Unsung Legacies of Educators and Events in African American Education**. Cham, Suíça: Palgrave Macmillan, 2019.
- VALLADARES, L. Scientific Literacy and Social Transformation. **Science & Education**,

v. 30, p. 557-587, abr./2021

VERRANGIA, D.; SILVA, P. B. G. e. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. **Educação e Pesquisa**, v.36, n. 3, p. 705-718, São Paulo, set./dez. 2010.

WILSON, Amos N. **Falsificação da Consciência Afrikano-centrada**: História eurocêntrica, psiquiatria e política da supremacia branca. Tradução: Kanda Ìmárale, Zaus Kush. [S.l.]: Editora Poder Afrikano, 2022a.

WILSON, Amos N. **Consciência Afrikano-Centrada Versus Nova Ordem Mundial**: Garveyismo na Era do Globalismo. Tradução: Abibiman, Ana Paula Zenzele Chijioke, Rafa' Amazon. [S.l.]: Editora Poder Afrikano, 2022b.

WILSON, Amos N. **Despertando o Gênio Natural da Criança Preta**. [S.l.]: Editora Poder Afrikano, 2022c.